

JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA

Diário das coincidências

Crônicas do acaso e histórias reais

ALFAGUARA



Copyright © 2016 by João Luis Anzanello Carrascoza

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Alceu Chiesorin Nunes

Foto de capa

Marcelo Zocchio

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Thaís Totino Richter

Valquíria Della Pozza

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carrascoza, João Anzanello
Diário das coincidências : crônicas do acaso e histórias reais / João Anzanello Carrascoza. – 1ª ed. – Rio de Janeiro : Alfaguara, 2016.

ISBN 978-85-5652-024-1

1. Crônicas brasileiras I. Título.

16-05935

CDD-869.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira 869.8

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19 — sala 3001

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 2199-7824

Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Sumário

Um extremo, 7
Costura, 9
Sala de espera, 11
Mensageiro, 15
Cristais, 19
Círculo, 21
Vagão, 23
Supercílio, 27
Futuro, 31
Sal, 33
Flores, 37
Tradução, 39
Bens, 41
Olho mágico, 43
Cupido, 45
Sol, 47
De olhos bem abertos, 51
Homônimo, 55
Pai, 57
Águas, 59
Contraste, 61
Palavra, 63
Bilhete, 65
Mais um círculo, 67
Passagem, 69
Um caminhante, 73
Versão, 77
Amigo, 79

Táxi, 83
Desacerto, 87
Matéria, 91
Perdas, 93
Segunda chance, 95
Dois caminhantes, 97
Paralelas, 103
Outro extremo, 105
Gracias, 107

Um extremo

Uma noite, durante o mês que passou no programa de escritores residentes no Château de Lavigny, ele se lembrou de umas histórias que vivera e cujos pontos extremos — o início e o fim — eram conectados por uma estranha (ou seria perfeita?) combinatória de fatos. Anotou a sinopse delas num caderno, com o intuito de desenvolvê-las no futuro.

Mas os anos se passaram, outros projetos subiram à sua mesa, e a ideia de escrevê-las ficou à sombra.

Nesse interregno, nas duas vezes em que mudou de residência, o caderno reapareceu em meio a outros objetos. Releu suas anotações e acrescentou a elas outros episódios dos quais havia se esquecido, ou que vivera recentemente. Em ambas as ocasiões, presentiu que aquelas aparições obedeciam a uma mesma lógica, como se fosse um teste para conferir se ele estava apto a enfrentar a tarefa.

Meses atrás, organizando seus livros nas estantes, ele se deparou novamente com o caderno. Abriu-o, escolheu uma das histórias e a escreveu no mesmo dia. No dia seguinte, outra. E, depois, mais uma. E outra, em seguida. Assim, em três semanas, ele as moveu, todas, do emaranhado de suas lembranças para estas páginas.

Por que um fato jaz tanto tempo na memória, à espera de algo que o desperte e lhe dê uma segunda vida através das palavras?

Ele ignora a resposta, e se há algum ganho em obtê-la. Mas, ao escrever por último este texto de abertura, tem certeza de que se tornou a linha de sutura de dois extremos: a ponta da faca e a ferida que ela abriu.

Costura

Um dia, alguém disse a ele, *a pele, apesar de suas três camadas, não prima pela profundidade, a pele é rasteira*. Ele não concordou, nem discordou, era jovem para se apegar às próprias convicções, mas o comentário ficou preso em sua mente, como o anzol na boca de um peixe.

Havia comprado uma passagem para Madri, seria sua primeira viagem de avião, encontro inaugural com o país de onde emigrara seu avô. Estava ansioso e, talvez por isso, à noite, na véspera do embarque, ao escavar com a faca uma peça de carne grudada no congelador, cortou um dos dedos. Não compreendia como podia jorrar tanto sangue dali — abaixo da pele só havia osso —, enquanto se admirava com o vermelho vivo que ganhava tons de rosa ao se infiltrar no gelo.

Por sorte, a irmã estava na cozinha e arrancou-o daquela imobilidade. Estancou o ferimento com pano de prato e o levou, às pressas, a um pronto-socorro. Atendeu-o um estudante de medicina. *Foi um corte fundo, vou dar dois pontos*, disse, e acrescentou: *daqui a uma semana, volte para retirá-los*.

No dia seguinte, ele seguiu para Madri. Levou o endereço de uma tia distante, que vivia em Granada, de quem o avô falava com carinho antes de morrer. Quando se cansou de passear pelos museus, praças e *calles* da capital espanhola, pegou um trem e foi para a Andaluzia visitá-la.

A tia o recebeu com festa, junto a uma das filhas, que tinha a mesma idade dele. A prima o levou para conhecer a cidade, e não seria exagero dizer que a moça o encantou tanto quanto o Alhambra, com seus jardins, El Generalife, e as casas brancas do bairro de Albaicín, onde o avô dele nascera.

O encanto aumentou (e também a sua desconfiança ante os desígnios da providência) quando ele comentou com a prima que precisava tirar os pontos. *Sou estudante de medicina*, disse ela, *posso tirar os pontos pra você!* E assim o fez, ali mesmo, na varanda, depois de pegar uma caixa de primeiros socorros. *Dói?*, perguntou ela, ao puxar a linha de sutura já esfarelada. *Não*, ele respondeu, e de fato não doía nada ali; mas era seu último dia em Granada e, num outro ponto de seu ser, ele sentiu uma fígada, quase uma dor.

Talvez pela inabilidade do estudante de medicina que o costurou, ficou naquele dedo uma cicatriz, nítida, em forma de cruz. E, coincidentemente, uma outra surgiu (quando a prima tirou os pontos), invisível para os outros, mas não para ele.

Dali em diante, sem motivo explicável, uma das cicatrizes às vezes lhe beliscava, repuxando lá do fundo, como se quisesse chamar-lhe a atenção para algum fato, alguma linha (torta) da escrita do universo.

Embora tenha viajado outras vezes para a Espanha, em duas delas inclusive passara por Granada, ele nunca mais viu a prima. Nem trocou com ela uma carta, um telefonema, um e-mail.

Trinta anos depois, recebeu uma mensagem dela pelo Facebook, informando que vinha ao Brasil, a passeio, e gostaria de vê-lo. Jantaram juntos e celebraram o reencontro. Pelo efeito do álcool, ou pela verdade da hora, estavam ambos felizes e gratos com a vida e os filhos que tinham (ele, um menino — ela, duas meninas). Fizeram um último brinde. E aí ele sentiu, inesperadamente, um repuxão no dedo.

Mostrou à prima a cicatriz e a lembrou dos pontos que ela havia retirado. Tinha tudo tão vivo na memória, o sangue vermelho se tornando rosa no gelo. Naquele instante, os jardins do Generalife eram tão verdes como os olhos dele. Mas, embora se recordasse do fato, ela não o registrara na camada mais funda, como se dera com ele. *E eu fiz um bom trabalho?*, a prima perguntou. Ele respondeu: *sim, fez!* E acariciou a pele em relevo, onde a cruz latejava.

Sala de espera

Depois daquela primeira viagem de avião, outras vieram, para todos os cantos do planeta, muitas a passeio, a maioria a trabalho. Às vezes, mal desfazia uma mala, já começava a arrumar outra. Assim, ele ia se desfazendo do menino que fora, sujando-se inteiramente de mundo. Sentia-se exilado desde que se mudara da pequena Cravinhos para São Paulo, e esse sentimento, de que não vivia na terra onde suas raízes haviam crescido, jamais o abandonou.

Não raro acordava sem saber onde estava: os quartos de hotel sempre se parecem, embora alguns sejam mais impessoais que outros. Parecem-se, ele pensava, porque não há, nem nunca haverá, algo seu ali, fincado à parede, ou disposto com cuidado sobre um móvel, senão suas roupas, que logo seriam recolhidas e não deixariam rastro nenhum de que um dia ele lá havia estado. Exceto para quem sabe ler as linhas, e as entrelinhas, de uma história.

Talvez tenha vindo daí o hábito, haveria quem dissesse mania, de, sempre ao abrir a porta de um quarto, permanecer alguns instantes lendo — cada objeto uma palavra — o que teria se passado lá dentro, não apenas com o último hóspede, mas com todos os anteriores, as muitas camadas de sonhos e pesadelos impregnadas no vazio daquele espaço. Obviamente ele não sabia decifrar com exatidão o que lia — não há quem, diante de um palimpsesto, não se livre de confundir os traços de uma superfície com os de outra. No entanto, ele continua tentando.

Um dia descobriu que a leitura fora desde sempre, e continuava a ser, a sua obsessão, como se ele tivesse sido fabricado com esse defeito de buscar um sentido oculto atrás de toda e qualquer escrita.

Nas salas de espera de aeroportos, em incontáveis ocasiões, se pegara no ato de traduzir os passageiros que se sentavam à sua frente.

Não se punha a imaginar — como um amigo, também escritor — quem seriam, qual o seu segredo, ou o resumo de sua vida. Não: ele não operava com hipóteses, nem se divertia supondo *este é um médico, e a moça, ao lado, sua amante; aquele, um ator decadente; o velho ali talvez seja um usineiro; a senhora observando um avião decolando, uma viúva*. Ele perseguia a verdade. Tinha certeza de que o rosto, a postura, a mala de um homem o revelavam inteiramente. Bastava saber interpretá-los.

O assunto irrigou sua obra literária em vários momentos, ora apreendido em relatos curtos — num deles, uma mulher, entrando num bar, lia as pessoas à mesa como cartas de tarô, e assim percebera que lá, em questão de minutos, aconteceria um assalto —, ora como linha de força de um de seus romances, cujo enredo se centrava no pai do narrador, homem que se aperfeiçoara em ler as pessoas.

Em uma dessas viagens, ele não lembra se no aeroporto de Nova Delhi ou Johannesburgo — a memória deforma as reminiscências —, notou, na sala de embarque, que uma trama se escrevia ante seus olhos: um casal com uma criança se sentara num banco à sua frente e acomodara, junto aos pés, as muitas bolsas e sacolas que carregavam.

Até aí, nada incomum. Mas o incomum não tardou a apresentar seu passaporte: pais e filho não se moveram um centímetro, nem com o passar dos minutos. Permaneceram estátuas, em completo silêncio.

Ele imaginou que logo o homem e a mulher trocariam alguma palavra. A criança pediria algo, ou um deles se levantaria para ir ao banheiro. E, assim, a normalidade retornaria. Mas não. Nada aconteceu durante quase uma hora. Então a chave desse “texto” se revelou para ele no semblante dos três. Ali se instalara a tristeza. A tristeza da partida, quando não queremos ir. E tão imensa era que lhes igualava os traços, dando a todos um único rosto.

Achou que estava fabulando, como fazia com seus personagens, e não assistindo de fato àquela cena. Contudo, era mesmo a leitura e não a escritura do momento que o absorvia. Algo estava se rompendo entre os três, para sempre. Ele podia sentir o cheiro do fim. Era como se flagrasse a flor no instante em que suas pétalas se fecham. A verdade nas entrelinhas do destino.

Tanto estava certo dessa interpretação que fixou seu olhar, por longo tempo, na mulher. E viu, só ele viu, a lágrima, quase imperceptível, que desceu pelo rosto dela.

Àquela hora, uma dor também começou nele.

Mensageiro

Quando era estudante de comunicação em São Paulo, viu-se, de súbito, na condição de mensageiro. Morava com a irmã de seu pai, que morrera aos quarenta e poucos anos. Nunca se curou dessa perda, e pela vida inteira haveria de se sentir desamparado — um desamparo que o ensinou a enfrentar todo tipo de ausência sem medo. E ele não foi o único: o tio, irmão do pai, seu sócio no comércio de cereais, se viu igualmente desorientado.

Mas, se o fato o fortaleceu, embora só ele saiba quantas vezes, sentindo-se solitário, desejou o reencontro com o pai; o tio se abateu tanto que acabou se perdendo. Fez dívidas. Seu casamento malogrou, obrigando-o a se mudar para São Paulo e a deixar as duas filhas com a ex-mulher. Na capital, foi viver na zona cerealista. Meteu-se numa pensão e abriu as portas só para a bebida, o fumo e as prostitutas. Com sofreguidão, foi se dedicando a ser a ruína que pouco a pouco se tornou.

Foi nesse estado que ele encontrou o tio na primeira vez em que o visitou. E isso se repetiu em todas as outras visitas, a não ser quando a tia, cozinheira diletante, fez uma *paella* e pediu que levasse um prato ao irmão. No quarto da pensão, reconheceu o tio, a muito custo, atrás do rosto deformado, no centro do qual uma tromba, não o nariz, avultava. Esguio e bonito ontem, exibia um ventre bojudo sob o qual as pernas-palito se afinavam. Os cabelos haviam se engrisalhado prematuramente, os dentes enegrecidos pela nicotina.

Ambos tinham uma lança atravessada no peito — hoje, ele sabe, não era a única a dilacerar o tio —, e de imediato se tornaram cúmplices. Ainda que fossem tímidos, juntos se destravavam, expulsando continuamente o silêncio. Em todas as conversas, a mesma lembrança

ça saltava, ora vazando dos olhos de um, ora dos lábios do outro: *saudades de seu pai! Você se parece muito com ele. E isso é bom ou ruim, tio? Você poderia ser meu filho. O senhor já bebeu muito hoje!* Assim seguiam, até que certa tarde o tio mudou de dor e comentou que sonhava em rever as filhas. Não tinha notícias delas há anos. Será que estavam bem? Será que o perdoariam?

Ele entendeu o recado. Mas, inexperiente, ignorava como um emissário deveria agir em tal situação. Sondou alguns parentes, sem conseguir apurar se a mãe impedira o tio de ver as filhas — fora um desquite litigioso —, se o tio havia se afastado delas por constrangimento (era incapaz de pagar a pensão judicial), se era a soma desses dois motivos e outros mais. Enfim, ele ignorava por que o tio perdera contato com as filhas. Só tinha certeza de que desejava, visceralmente, reencontrá-las.

Então o acaso (o acaso?) concluiu, num lance rápido e imprevisível, a sua formação como aprendiz de mensageiro: a Semana Santa chegou e ele foi passá-la com a mãe em Cravinhos, de onde saíra para estudar na capital. Lá, ao atravessar o largo da matriz, encontrou as filhas do tio, com quem quase não tinha contato. A mais velha regulava de idade com ele e foi ela quem, depois de umas palavras rotineiras, revelou que os desejos coincidiam. Queria, tanto quanto a irmã, e à revelia da mãe, encontrar-se com o pai. E, como se soubesse que ele andava próximo do tio — as engrenagens do universo têm a sua lógica —, a prima disse, resoluta: *Marque uma data e nos avise. A gente dá um jeito. Pegamos um ônibus e vamos!*

Ele compreendeu, resignadamente, que lhe cabia atar as duas pontas do circuito. E, de volta a São Paulo, procurou o tio e lhe comunicou a boa-nova. Se no primeiro momento o tio se alegrou, em seguida escureceu. Devia, vez por outra, se mirar no espelho e, com o fiapo de consciência que lhe restava, perceber como seria decepcionante para as filhas encontrá-lo naquela condição — um ser (fisicamente, mas não só) desfigurado.

No entanto, o susto lançou o tio na rota da redenção. Instado a se apresentar com uma aparência ao menos aceitável diante das filhas, iniciou a metamorfose: reduziu a bebida, cortou o fumo, fechou a porta para as prostitutas.

Quatro meses depois, quando foi levar a roupa nova que a tia comprara para o irmão usar no encontro com as filhas, ficou admirado ao vê-lo: o tio perdera a barriga, o azul dos olhos havia retornado, a tromba se encolhera em nariz. Desenvelhecera.

Naquela tarde, o tio lhe contou muitas anedotas, falou do irmão (não da falta que lhe fazia, mas de episódios felizes, vividos juntos) e o levou a conhecer uns amigos pela zona cerealista. Foram horas divertidas, e ele não soube ler, nas entrelinhas, a mensagem que se anunciava.

Cumpriu a sua palavra e avisou as primas: já podiam marcar o encontro. Combinaram para o sábado seguinte, data ideal para todos. Mas, dois dias antes — e aí é que ele se pergunta, *o que esta dor me ensinou?* —, dois dias antes, acharam o tio morto no quarto da pensão.